

SUMÁRIO EXECUTIVO

Projeto CNE/UNESCO
914/BRZ1042.3

Produto 1

CENÁRIO DOS CURSOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS OFERTADOS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO BRASIL

Autoria: Marrielle Maia

Produto 2

O PERFIL DOS EGRESSOS DOS CURSOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL

Autoria: Marrielle Maia, Ana Maria de Paiva
Franco, Henrique Dantas Neder

APRESENTAÇÃO

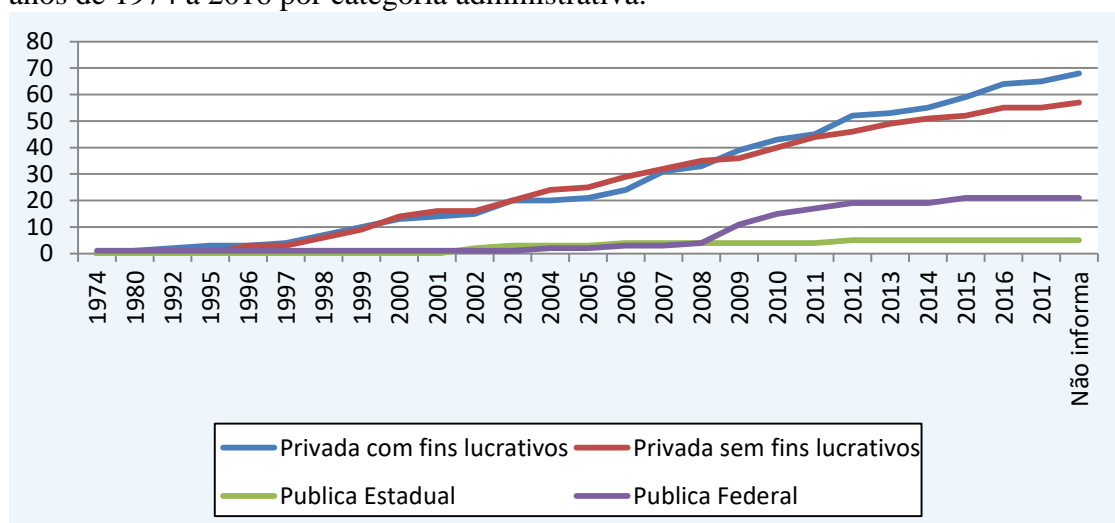
O Sumário Executivo sintetiza as principais conclusões das pesquisas realizadas no âmbito do Projeto CNE/UNESCO nº 914BRZ1042.3 com vistas à subsidiar o Conselho Nacional de Educação na elaboração, aperfeiçoamento e acompanhamento das políticas da educação superior, neste caso tendo como foco a graduação em Relações Internacionais.

Os relatórios que servem de base para este Sumário Executivo correspondem ao estudo sobre o atual cenário dos cursos de Relações Internacionais ofertados pelas Instituições de Ensino Superior (Produto 1) e o estudo sobre o perfil dos egressos da graduação em Relações Internacionais no Brasil (Produto 2).¹

O CENÁRIO DOS CURSOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS OFERTADOS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO BRASIL

A descrição dos resultados da pesquisa aponta para o crescimento vertiginoso dos cursos de Relações Internacionais, especialmente a partir da década de 1990. O maior percentual de cursos é de Instituições de ensino superior privadas, conforme pode ser observado na figura 1 abaixo que mostra a expansão da oferta da graduação por categoria administrativa.

Figura 1, Gráfico da expansão da oferta de cursos de Relações Internacionais entre os anos de 1974 a 2016 por categoria administrativa.



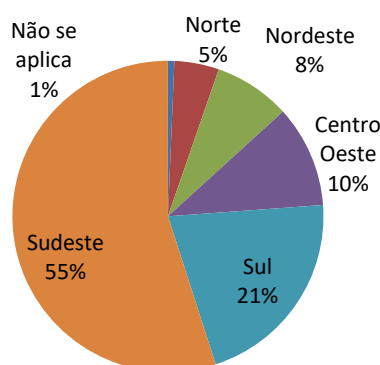
Fonte: Maia, M. O Cenário dos Cursos de Relações Internacionais Ofertados pelas Instituições de Ensino Superior do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.6.

¹ Participaram da equipe da pesquisa: Iara Rocha Guimarães, Thais Maria Delarisse e Rodrigo Assis Lima.

Outro aspecto observado é que a maioria dos cursos é ofertada por Universidades (48,34%), seguida por Faculdades (28,48%) e Centros Universitários (23,18 %),².

No que se refere a distribuição dos cursos no território nacional (ver figura 2), a maior parte concentra-se na região Sudeste. A região Sudeste é onde ocorreu a maior interiorização dos cursos. Nas demais regiões do Brasil, a maior concentração de cursos está em capitais e regiões metropolitanas.

Figura 2. Distribuição dos cursos de Relações Internacionais nas Regiões do Brasil



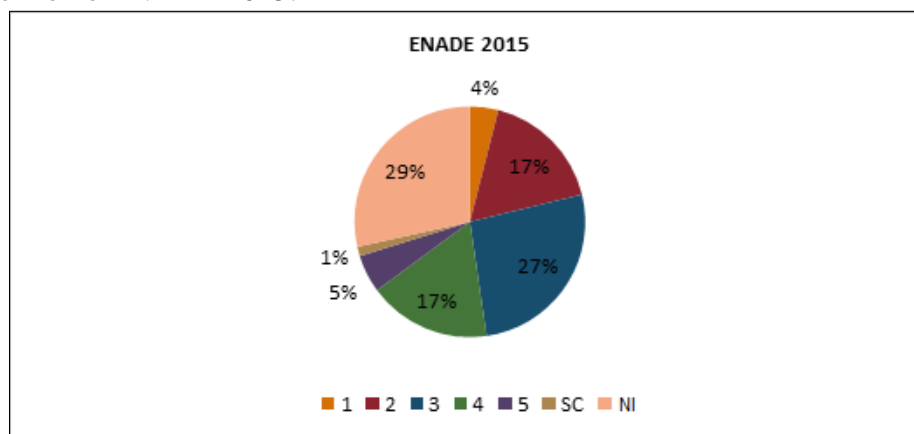
Fonte: Maia, M. O Cenário dos Cursos de Relações Internacionais Ofertados pelas Instituições de Ensino Superior do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do ProjetoCNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.11.

O crescimento da oferta da graduação não foi acompanhado pela pós-graduação. Outro aspecto importante é que a pós-graduação também está concentrada na região Sudeste do Brasil.

A pesquisa também traz informações sobre o desempenho dos cursos de acordo com os dados oficiais do Ministério da Educação. A Figura 3 abaixo permite visualizar o desempenho no ENADE 2015. Fazer algum comentário sobre a qualidade dos cursos.

² A classificação segundo a organização acadêmica está descrita no Decreto nº 5.773/06. Universidade é caracterizada pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. São instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano. Centros Universitários são instituições de ensino superior pluricurriculares, abrangendo uma ou mais áreas do conhecimento, que se caracterizam pela excelência do ensino oferecido, comprovada pela qualificação do seu corpo docente e pelas condições de trabalho acadêmico oferecidas à comunidade escolar. Tanto as Universidades como Centros Universitários possuem autonomia na criação de cursos e programas de educação superior. Faculdades são instituições de ensino superior que exercem um número menor de áreas de conhecimento em seus cursos.

Figura3. Gráfico da distribuição dos cursos de Relações Internacionais conforme o desempenho no ENADE 2015.



Maia, M. O Cenário dos Cursos de Relações Internacionais Ofertados pelas Instituições de Ensino Superior do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.41.

A principal contribuição da pesquisa está na análise de 111 Projetos Pedagógicos disponibilizados no Sistema EMEC. Observou-se que a maior parte dos cursos possui carga horária na faixa de 3000 a 3299 horas (38,41%). Foram analisados também os conteúdos dos Projetos Pedagógicos e as cargas horárias destinadas a eles. A identificação de um perfil generalista de curso aparece em 46,36% dos projetos. Os demais cursos apresentam as seguintes vertentes: comércio exterior (5,30%), integração regional (3,31%); relações econômicas internacionais (3,31%); temas de fronteira (2,65%); negócios internacionais (1,99%); agronegócios (1,32%), segurança internacional (1,32%), comércio e negociação internacional (0,66%).

Como sugestão de pesquisas futuras, recomenda-se o aprofundamento da análise das Ementas das disciplinas do eixo estrutural com vistas a identificar a similaridade das disciplinas vinculadas ao bloco de conteúdos estudados.

O PERFIL DOS EGRESSOS DOS CURSOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL

Os resultados da pesquisa refletem tendências e características gerais dos egressos dos cursos de Relações Internacionais espalhados por todo o país que participaram dos ENADES 2009, 2012 e 2015 no que diz respeito, principalmente, ao tipo de inserção profissional e desempenho no mercado de trabalho.

Antes dos indicadores do mercado de trabalho, procurou-se fazer uma descrição das características socioeconômicas dos egressos no que tange a idade (faixa etária mais frequente entre 23 e 27 anos com 62,6%), a nacionalidade (a maioria

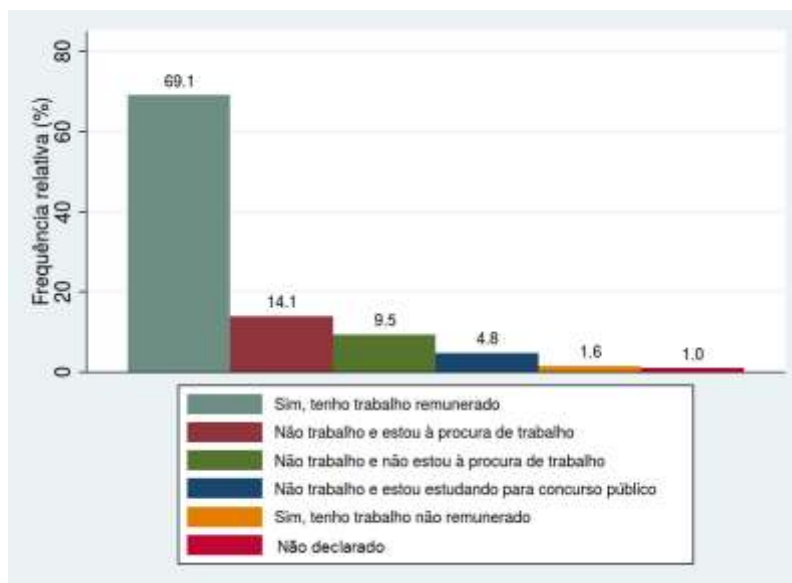
absoluta de brasileiros com 98,6%), a cor/raça (maior frequência de brancos com 72,6%), ao sexo (maioria de mulheres com 58,4%), se possui ou não algum tipo de deficiência (a maioria 97,4% não possui).

Procurou-se caracterizar também o histórico acadêmico dos egressos. No que tange à graduação, para a maioria dos egressos, o curso de Relações Internacionais foi a primeira opção (84,3%); a maioria ingressou no ensino superior por meio de vestibular (78,6%); estuda em instituição privada (82,68%); em Universidades (55,1%), em curso noturno (40,2%); não fez uma segunda graduação (78,1%). Quanto aos estudos de pós-graduação, a maioria não realizou esse tipo de curso, mas possui interesse em cursar (40%). Dentre os que já cursaram a pós-graduação, a maioria não recebeu bolsa (49%) e o tipo de curso mais frequente é o MBA ou mestrado profissional (28,2%).

Outro aspecto investigado foi o conhecimento de línguas em termos de conhecimento avançado, intermediário e básico. Em termos de conhecimento avançado, 89,4% dominam o inglês e a segunda língua de maior domínio, neste caso, é o espanhol 40,3%.

Passando para os indicadores de desempenho no mercado de trabalho propriamente ditos, a taxa de ocupação foi estimada em 85,9%, tendo por base as informações reportadas na Figura 4

Figura 4 1. Distribuição de frequência dos egressos de cursos de Relações Internacionais no Brasil que participaram das edições do ENADE 2009, 2012 e 2015 segundo a situação de trabalho.

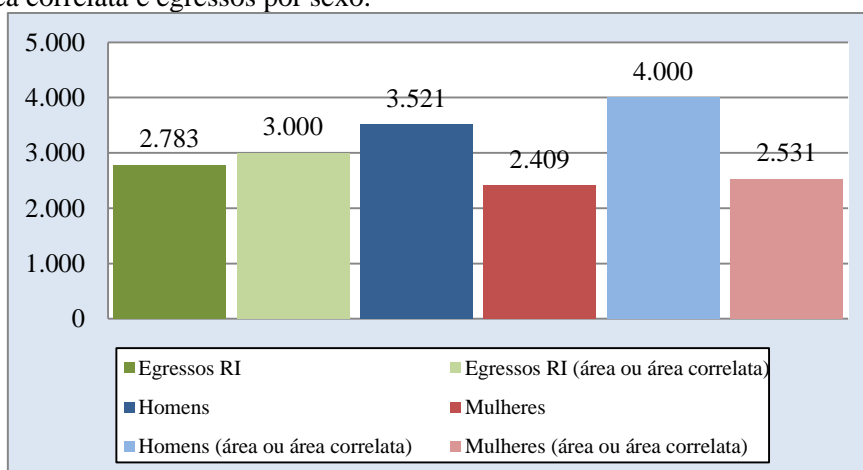


Fonte: Maia, M.; Franco, A. M. P; NEDER, H. D.. O Perfil dos Egressos dos Cursos de Relações Internacionais do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.33.

Dos egressos que informaram estar trabalhando, 51,7% consideram que não estão atuando na área de Relações Internacionais; 26,1% consideram que atuam em área correlata e o percentual de egressos que considera que seu trabalho se dá na área de Relações Internacionais é de 21%. O contato pessoal (27,1%) e anúncios em jornais e websites (12,2%) são os mecanismos mais apontados como os meios de inserção no mercado de trabalho.

Para os egressos que estão trabalhando, o tipo de vínculo com maior frequência (44,8%) é o trabalho com carteira assinada. A mediana dos rendimentos é de R\$ 2.783,00. Em termos de jornada de trabalho, a faixa mais frequente (26%) é de 40 até 44 horas. Essas informações sobre o desempenho no mercado de trabalho foram também analisadas considerando-se os seguintes subgrupos: o sexo dos respondentes e a informação de “se o trabalho 1 (trabalho principal) se dá na área de Relações Internacionais ou em área correlata”. Em geral, a mediana dos rendimentos dos homens é maior do que o das mulheres e a mediana dos rendimentos de quem trabalha na área é maior que o rendimento geral, como mostra a Figura 5. .

Figura5. Renda mediana dos egressos segundo todos os egressos, egressos que trabalham na área ou área correlata e egressos por sexo.



Fonte: Maia, M.; Franco, A. M. P; NEDER, H. D.. O Perfil dos Egressos dos Cursos de Relações Internacionais do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.43.

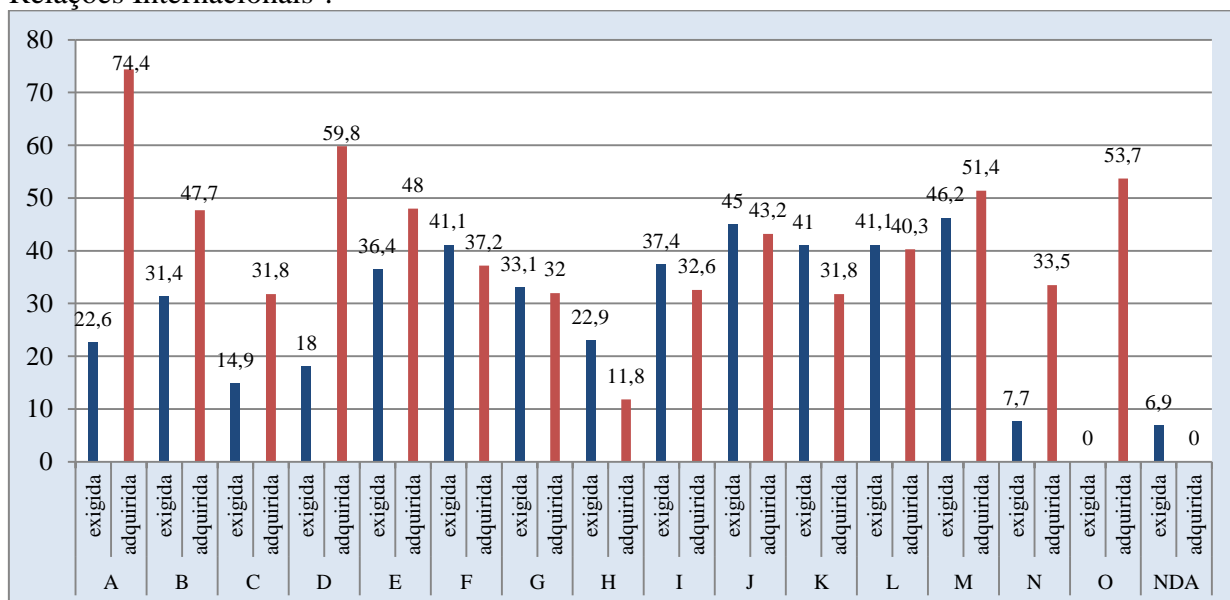
Em termos de localidade onde os egressos exercem o trabalho 1, o maior contingente está no Brasil (65,6%), especialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e no Distrito Federal.

Nos detalhamentos que se seguiram, procurou-se conhecer também distribuição dos egressos segundo a categoria do setor de atividade, atividade

econômica e tipo de ocupação para o trabalho 1. A maior parte dos egressos trabalham em empresas privadas. No que se refere à atividade econômica e tipo de ocupação, não se observa uma categoria específica.

Além disso, foi investigado como os egressos consideram a adequação das atividades profissionais e um paralelo entre as habilidades exigidas na atividade profissional e o perfil dos cursos segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Relações Interacionais do Brasil. A figura 6 reporta este paralelo entre habilidades exigidas e adquiridas.

Figura 6. Comparação das respostas referentes às competências e capacidades exigidas na atividade profissional dos egressos e as adquiridas ou aprimoradas no curso de Relações Internacionais³.



Maia, M.; Franco, A. M. P.; NEDER, H. D.. O Perfil dos Egressos dos Cursos de Relações Internacionais do Brasil: Documento técnico referente ao Produto 1 do Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1042.3. Brasília, UNESCO/CNE, 2017, p.56.

³ (A) capacidade de compreensão de fenômenos internacionais com impactos locais e vice e versa; (B) capacidade de negociação em contextos interculturais; (C) capacidade de formular, negociar e executar projetos de cooperação internacional e de captação de recursos; (D) capacidade de pesquisa, análise, avaliação e formulação de cenários para atuação na esfera internacional; (E) capacidade de solução de problemas numa realidade diversificada e em transformação; (F) capacidade de tomada de decisões, planejamento, condução, análise e avaliação de negociações; (G) capacidade de dirigir grupos de trabalho; (H) utilização de novas tecnologias; (I) capacidade para atingir objetivos comuns e atuar em situações novas; (J) habilidades relativas à efetiva comunicação e expressão oral e escrita em língua portuguesa; (K) habilidades relativas à efetiva comunicação e expressão oral e escrita em idiomas estrangeiros; (L) flexibilidade na solução de problemas e capacidade de negociação; (M) habilidades interpessoais (consciência social, responsabilidade social, empatia); (N) utilização de métodos qualitativos e quantitativos para a análise de fenômenos das Relações Internacionais; (O) utilização de teorias e conceitos próprios da área de Relações Internacionais na análise de situações concretas; (NDA) nenhuma das alternativas; (NSA) não se aplica; (Outros) outro tipo de competência e habilidade não listada.

Dos componentes curriculares que se mostram mais importantes para o exercício da prática profissional duas áreas se destacam Economia e Comércio (41,7%), e os conteúdos de Ciências Sociais, Relações Internacionais e Política (27,1%).

Espera-se que esses resultados joguem luz nos debates acerca da inserção do profissional dos egressos de Relações Internacionais, bem como forneçam subsídios para as discussões sobre a adequação de currículos e delineamento de diretrizes e construção de um perfil mais consistente de profissional.

Como indicações de estudos futuros, os pesquisadores sentiram falta de poder explorar algumas questões que se mostraram relevantes em uma primeira análise quantitativa e que mereceriam uma pesquisa em profundidade para serem melhor compreendidas. Por exemplo, a discrepância salarial entre os gêneros e mais especificamente para quem trabalha na área ou em área correlata; compreender melhor as principais barreiras e dificuldades para uma inserção profissional mais adequada à formação em Relações Internacionais; conhecer melhor a expectativa de área de atuação dos egressos em termos do que eles consideram como trabalhar na área em que se formaram; que tipo de conhecimento esses profissionais se ressentem de não terem aprendido no curso (por falta de oferta ou por oferta inadequada) e, neste mesmo sentido, quais as ferramentas para uma colocação profissional mais adequada ou pretendida.